

## Destaque Rural Nº 223

3 de Abril de 2023



### ***NÓS ESTAMOS A TENTAR, PARA NÃO SERMOS DOMINADAS: PERCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO DAS MULHERES À VARIABILIDADE CLIMÁTICA NO DISTRITO DE BÚZI, SOFALA.***

**Uacitissa Mandamule<sup>1</sup>**

#### **RESUMO**

Búzi é um distrito vulnerável a vários riscos climáticos. A ocorrência cíclica de desastres naturais nos últimos anos tem afectado negativamente a vida da população e impactado a economia daquele distrito. Entrevistas com produtoras (e produtores) locais revelam que o risco de desastre é mais bem aceite que o risco de deslocamento para uma nova área, onde faltaria terra arável para as pessoas cuja subsistência depende principalmente da agricultura, muitas vezes praticada nas zonas baixas. Face à ocorrência recorrente de desastres e às variabilidades climáticas, as mulheres têm-se posicionado numa interface de enfrentamento e adaptação, enquanto renegoceiam o seu papel na gestão dos recursos ao nível da família e da comunidade. As estratégias de adaptação variam entre acções individuais e de grupo, sendo de destacar o lugar e o papel central do conhecimento ecológico tradicional (Boissière *et al.* 2013) na organização e implementação das diversas actividades económicas alternativas (Gibson-Graham 2008; Gritzas et Kavoulakos 2016) das mulheres entrevistadas.

#### **INTRODUÇÃO**

Vivemos “no tempo das catástrofes” (Stengers 2015). Inundações, ciclones, tempestades e outros eventos de evolução lenta; as consequências destes eventos climáticos extremos podem ir desde a deslocação involuntária de pessoas, perda de vidas humanas, destruição de infra-estruturas públicas, privadas e habitacionais. Acrescem-se também aos efeitos daqueles: a diminuição de terras cultiváveis, o aumento da insegurança de posse da terra e alimentar, assim como conflitos pelo acesso à terra, água, recursos florestais, entre outros, que em certas regiões são determinantes para a subsistência local.

---

<sup>1</sup> Investigadora do OMR.

As pessoas que dependem dos recursos naturais, especialmente os agricultores, são frequente e particularmente vulneráveis à variabilidade e mudança climáticas (Boissière et al. 2013) bem como aos eventos extremos. Em Moçambique, a agricultura constitui a principal actividade de subsistência, sobretudo nas zonas rurais. As mulheres representam a maioria dos produtores agrícolas nacionais e são as principais responsáveis pela produção de alimentos que garantem a segurança alimentar e subsistência das famílias (INE, 2011). A agricultura é maioritariamente de sequeiro e, portanto, dependente das chuvas. Pratica-se também em áreas de regadios, embora afectada pelo deficiente funcionamento dos sistemas de irrigação e inadequação às práticas locais de utilização da terra (Dadá e Aiuba, 2018) e em dimensão muito pequena. Como referem Fayama, Dabiré, & Ba (2020), os produtores organizam as suas actividades com base na observação de elementos naturais tais como o início e a frequência das chuvas, as variações de temperatura durante o dia, a aproximação e intensidade dos ventos, o estado do solo após as catástrofes, bem como respeitando aspectos mais simbólicos e culturais tais como o culto aos antepassados.

Este estudo tem como objectivo analisar as estratégias de adaptação à variabilidade climática dos produtores no distrito de Búzi, em particular das mulheres. Em resumo, as entrevistadas percebem as crescentes variações do clima, com ciclos mais curtos e irregulares de chuvas, porém com eventos de intensidade mais forte e destruidora. São também percebidas as variações da temperatura, com tendência ao aumento das mesmas, com efeitos nefastos nos cereais, sobretudo o arroz e o milho. Para fazer face às perturbações (Tsing 2019), várias estratégias são mobilizadas, desde a diversificação das zonas de produção, o reajuste do calendário agrícola, o uso de novas variedades de semente, entre outras formas de enfrentamento apresentadas a seguir.

### **i) Diversificação das zonas de produção e multiplicação de parcelas**

A imprevisibilidade das chuvas e a severidade das inundações está na origem deste tipo de estratégia por parte dos produtores e produtoras no Búzi, de diversificar as zonas de produção. Esta consiste em produzir em duas ou mais zonas com condições agroecológicas diferentes e onde as culturas produzidas são também.

Assim, nas zonas baixas produz-se o arroz de ciclo longo; enquanto, nas zonas mais altas e menos inundáveis, produz-se o arroz e o milho de ciclo curto. Na segunda época (*mujhapire*), faz-se a consociação de culturas, como a mandioca, o milho, a batata-doce. Isto permite que, em períodos de escassez de chuva, os camponeses possam beneficiar da produção nas zonas baixas e, em períodos de fortes chuvas e inundações, possam aproveitar a produção nas zonas altas, como refere uma interlocutora:

*Nós estamos a tentar, para não ser dominados. Estamos a tentar. Por exemplo, esse tipo de milho que nos dão, esse pequeno [ciclo curto], nós vamos colocar agora em Novembro e até Janeiro [2021] estará pronto e nós vamos ter comida. Estamos mesmo a apostar nestas coisas de milho pequeno, mandioca, aquela que resiste com sol, e batata-doce. Se houver seca lá nas baixas, enquanto você pôs batata-doce, mandioca ou ananás também, [você] há-de comer. São essas coisas que resistem bem ao sol. (Entrevista, Mussocossa, Guara-Guara, 20 de Outubro 2020).*

É preciso considerar a diferença na percepção do que constitui, ou não, um desastre “natural”. Para as entrevistadas, existe uma diferença entre “boas” e “más” cheias ou “pequenas” e “grandes” chuvas. Consideram-se boas cheias aquelas cujos efeitos verificam-se mais em termos de danos infraestruturais e até mesmo de perdas de vidas humanas, sem, no entanto, representarem danos ou perdas significativas da produção agrícola. Assim, as mulheres entrevistadas referem benefícios e melhor produtividade em anos em que houve, simultaneamente, chuvas, moderadas a intensas, e inundações, como, por exemplo, no ano 2000. Uma entrevistada explica:

*Houve cheias em 2000 (...), as pessoas que estavam nas zonas baixas, não tiveram nada, mas nas zonas altas, sim. Eu, em 2000, tive muito arroz nessa machamba que eu disse que era da minha sogra. Tive muito arroz! Porque as águas vieram e não eram assim muitas águas, como essas de 2019 (..) eram normais. O arroz já estava grande, as águas entraram e, depois de três ou quatro dias, saíram. O arroz sofreu, mas depois começou a fazer novos rebentos e tive boa produção. (Mulher entrevistada, Búzi, 25 de Setembro de 2020).*

Assim, considera-se uma “boa cheia” aquela cuja duração é de três a quatro dias, até o nível das águas baixar. Isto não constitui prejuízo para os produtores se, simultaneamente, houver chuvas pequenas; pelo contrário, fornece a humidade necessária para que o arroz continue crescendo. As desvantagens existem, porém, quando ocorrem chuvas fortes acompanhadas por inundações que permanecem mais de uma semana até as águas baixarem, o que faz com que o arroz não cresça, por permanecer demasiado tempo debaixo de água, conforme explicam:

*As pequenas cheias, no máximo, ficam dois ou três dias e, depois, baixam. Então, não criam problemas. E, às vezes, é muito bom para nós porque rega as nossas machambas. Por exemplo, essas cheias que aconteceram, destruíram uma parte, mas deixaram muita terra com boa humidade. Então, para os que conseguiram fazer segunda época, é o que estão a ver, porque o solo ainda conservou humidade. Então, se isso continuasse, se fossem cheias que durassem até 4 dias, seria bom para nós. Agora, quando leva uma semana, o arroz dentro da água apodrece. (Grupo Focal com mulheres, Búzi, 9 de Novembro 2020).*

Portanto, é contrabalançando entre os anos de boas e más cheias que as produtoras baseiam as suas estratégias e decidem sobre aspectos ligados à saída para zonas consideradas seguras para habitação. Por um lado, acredita-se numa tentativa de realocização autoritária pelo governo local, com o fim último de usurpar terras das populações, sobretudo considerando-se o antagonismo entre a ideia de promover Guara-Guara, local de reassentamento, como futura vila administrativa e económica, enquanto novas construções, vão surgindo na vila de Búzi, esta mesma considerada como zona de risco. Por outro, a tendência das famílias de manter uma casa nas zonas inundáveis também é uma “luta” para preservar o usufruto da terra tradicional.

## ii) (Re) ajuste no calendário agrícola

A percepção da irregularidade e imprevisibilidade das chuvas (partilhada pelas mulheres entrevistadas neste estudo) obriga-as a reajustar o calendário agrícola: “(...) às vezes a chuva atrasa, às vezes adianta. Às vezes, chove em Janeiro, outras vezes, em Dezembro. Já não temos uma data certa” (Entrevista, grupo focal de mulheres, Búzi, 10 de Setembro de 2020).

Dependendo da localização das machambas, existem duas épocas agrícolas. A primeira época é a mais longa –de Setembro a Julho – e a mais importante, em termos de trabalho agrícola, sendo a época em que são cultivadas as principais culturas de subsistência e de rendimento, como o arroz e o milho. Já a segunda vai de Julho a Outubro.

Quadro 1: Calendário agrícola

	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	JAN.	FEV.	MAR.	ABRIL	MAIO	JUN	JUL	AGOS
Calendário agrícola	Preparação dos campos											
		Lançamento do arroz									Sementeira de hortícolas	
					Sacha							
	Primeiras chuvas											
			Segunda chuva									
						Época chuvosa						
								Colheita arroz de ciclo curto				
										Colheita arroz ciclo longo		
	Colheita de hortícolas											

Fontes: Elaboração da autora com base em entrevistas; FEWS Net Mozambique, 2020.

Começa-se com a preparação das machambas, entre os meses de Setembro e Outubro. A preparação da terra consiste em duas actividades principais: a lavoura e a gradagem. A lavoura é todo o processo de limpeza das machambas, revolvendo o solo a uma determinada profundidade (Ribeiro, 2008). Esse trabalho é feito manualmente (figura 7) ou com tractor. Além de minimizar o tempo de trabalho, o uso de tractores permite lavrar uma área maior e de maneira mais uniforme e profunda. No entanto, a maioria dos produtores, homens e mulheres, não tem acesso a mecanização (tractores) devido aos custos, sendo todo o trabalho feito manualmente.

Para os que conseguem, o acesso a tractores é possível mediante aluguer a pequenos operadores privados, ao preço de 4.000 meticais por hectare, preço praticado em 2020. A grande procura pelos serviços, aliada ao aumento do preço dos combustíveis e às mudanças nos solos provocadas pelas inundações, têm justificado o aumento dos preços dos serviços de aluguer de tractores. Em 2019, o valor praticado por hectare era de 3.000 meticais, segundo os produtores entrevistados, enquanto nos anos anteriores havia sido de cerca de 2.000 meticais, por hectare lavrado.

Uma estratégia adoptada pelos agricultores para arcar com os custos do aluguer de tractores é realizar uma contribuição colectiva concedida mutuamente entre os membros de uma associação, se os produtores estiverem organizados, ou entre produtores individuais, cujos campos estejam localizados na mesma zona.

Durante a preparação da terra e a sacha, fases em que o volume de trabalho é relativamente maior, os produtores compartilham o trabalho, num sistema designado *korokuko*. O *korokuko* é um sistema rotativo de ajuda mútua, onde um grupo de produtores – geralmente mulheres – reúne-se para trabalhar numa área diferente da sua, tornando assim possível maximizar o tempo de trabalho. As duas regras básicas do *korokuko* são a confiança mútua e proximidade dos campos. A confiança é importante para garantir que ninguém irá esquivar-se dos seus deveres para com os outros e a proximidade dos campos para não se afastar muito de seus campos e, assim, controlá-los melhor. Estes grupos não são fixos, dependem do acordo e vontade das pessoas em fazer parte e não há pagamento monetário, devendo apenas os participantes comprometerem-se a “amanhã cultivar a machamba do outro”.

Sendo a agricultura predominantemente de sequeiro, os agricultores preparam os campos enquanto aguardam as “primeiras chuvas”, que se espera ocorrerem entre final de Setembro e primeira quinzena de Outubro. São estas chuvas que fornecem a humidade necessária para a sementeira. Outrora, conseguia-se prever, com base na experiência e conhecimento locais, transmitidos de geração em geração, a data exacta da ocorrência das primeiras chuvas. Actualmente, não só, se tornou difícil prever o início das chuvas, como também não se confirma quando o atraso resultará em uma boa ou má chuva.

É com base neste conhecimento local que os camponeses adiam a sementeira, que decorria a partir da segunda metade de Outubro até princípios do mês de Dezembro, para começar somente em Novembro, evitando que as sementes sequem por falta de chuva. Assim, nos últimos anos, já não se verifica a distinção entre primeiras e segundas chuvas, acontecendo estas tardiamente e de uma única vez, no mês de Novembro, período que os produtores aproveitam para semear e aproveitar a humidade dos campos para que as sementes possam germinar.

A sacha acontece entre os meses de Janeiro e Fevereiro, depois da qual, faz-se a colheita. A sacha consiste na retirada das ervas daninhas que impedem o bom crescimento do arroz. É também nesta fase que se procede ao re-casamento do arroz, isto é, retirar as plantas dos locais onde estão mais densas para locais onde o arroz não germinou o suficiente. Esta separação permite melhor desenvolvimento das plantas e bons resultados no final. Durante estas fases, é comum a contratação de mão-de-obra sazonal para responder à carga de trabalho. O trabalho é cobrado por parcela, de 10 metros de comprimento e 5 metros de largura, a um preço que varia entre 50 e 60 meticais.

Dependendo da variedade do arroz, isto é, se do ciclo curto ou longo, a colheita inicia em Abril e pode ir até Julho. A ocorrência de chuvas fortes e inundações tem, no entanto, afectado negativamente as campanhas agrícolas, dificultando, cada vez mais, a situação dos produtores e levando a que passem mais tempo, do que deviam, nas actividades agrícolas.

### **iii) Uso de novas variedades**

A adaptação às ameaças climáticas faz-se de forma voluntária ou por indução de actores, como o governo local ou organizações não governamentais. Assim, as mulheres são incentivadas a produzir novas variedades de arroz e de milho, reputadas mais resistentes e com menos riscos de perdas agrícolas, em caso de ocorrência de algum evento climático extremo. As variedades de ciclo longo tradicionalmente produzidas, tanto de arroz, quanto de milho, estão a ser gradualmente preteridas pelas variedades de ciclo curto, sobretudo nas áreas das associações. As actividades de preparação da terra (lavoura) e sementeira do arroz, tanto do ciclo longo, quanto do ciclo curto, iniciam mais ou menos na mesma época (ver calendário agrícola na figura 1). O que diferencia uma variedade da outra é, portanto, o tempo que cada uma das variedades leva até ser colhida e as capacidades de resistência, seja à escassez (ciclo longo) ou à abundância de água (ciclo curto).

Quadro 2: Variedades de arroz de ciclo longo e curto

VARIEDADES DE ARROZ	
Ciclo longo	Ciclo curto
Gome	Ita
Média	Nené
Mandjumo	Simão
Monamina	Muziva
Petróleo	Macassane
Vinho	Limpopo ( <i>mpunga wa muchê</i> )
Xindeque	Pungura
	Txekeerere
	Djenabwere

Fonte: elaboração da autora, com base em entrevistas

A colheita do arroz de ciclo curto (*Mpuga doko*), menos exigente em termos de humidade, acontece entre os meses de Março e Abril, enquanto a do arroz de ciclo longo (*chupa*) realiza-se entre os meses de Junho e Julho. Por coincidir com a época das chuvas, a produção do arroz de ciclo curto tem resultado em grandes perdas agrícolas para os produtores locais. As mulheres, em particular, ressentem-se dos efeitos das inundações pois, muitas vezes, não possuem outras actividades de subsistência e de rendimento, fora da agricultura, ao contrário dos homens que, por vezes, se engajam na pesca ou pequenos trabalhos informais. Ademais, são as mulheres que estão mais envolvidas na produção do arroz, enquanto muitos homens intervêm mais na produção de hortícolas.

Assim, nas associações, há uma orientação para que os camponeses produzam o arroz de ciclo curto. Passada a primeira experiência com as diferentes variedades de arroz de ciclo curto, as mulheres conseguem, então, uma certa liberdade na escolha das variedades de ciclo curto que lhes permite melhorar a produção e aumentar os rendimentos advindos da comercialização agrícola. As variedades mais adoptadas de arroz de ciclo curto estão a Simão e Macassane, devido à qualidade e facilidade de manuseamento na colheita e transporte. Nas variedades de ciclo longo, as mulheres entrevistadas referiram melhores resultados com a produção do arroz d variedade Média.

#### iv) Associações de produtores

O enfrentamento dos riscos climáticos situa-se numa interface entre estratégias individuais e acções de grupo. Por estratégias de grupo referimo-nos às acções conjuntas empreendidas por um determinado número de camponeses, com vista ao alcance de ganhos comuns, advindos da actividade agrícola. Estes ganhos podem ser, por exemplo, o acesso a projectos, acesso a infra-estruturas de irrigação, sementes e outros insumos agrícolas disponibilizados

para uso comum dos membros ou, simplesmente, para aquisição de conhecimentos sobre novas práticas e técnicas de produção, que permitam melhor enfrentar a crise climática. Estes grupos podem ser constituídos apenas por mulheres ou mistos, isto é, incluindo tanto homens como mulheres – são o caso das associações de produtores.

Estes grupos são criados com base na afinidade, na familiaridade ou no interesse pessoal. O candidato a membro deve fazer prova da sua adesão mediante pagamento de uma jónia, fixada em 500 meticais. Uma vez admitido, cada membro deve pagar uma cota anual, no valor de 360 meticais, que pode ser paga em parcelas mensais de 30 meticais. Este valor é usado para manter algumas das actividades do grupo e custear as despesas de funcionamento, como, por exemplo, os gastos com a energia eléctrica da estação de irrigação.

Até ao ano 2020, haviam sido recenseadas 66 associações de produtores no distrito de Búzi (SDAE Búzi, 2020). Destas, apenas duas são constituídas inteiramente por mulheres, nomeadamente, a Associação de Produtores Mugender e a Associação de Produtores Mulheres Camponesas, com 14 e 30 membros, respectivamente. No geral, as mulheres constituem a maioria dos associados, totalizando 1.293 membros, enquanto os homens associados totalizam 984.

As áreas das associações estão em regadios. Assim, os produtores associam-se para poder beneficiar dos serviços de irrigação instalados e, desta forma, em conjunto, fazer face às ameaças de secas ou atrasos no início das chuvas. Embora associados, os produtores sempre conservam as suas explorações familiares fora da área da associação. A tabela a seguir indica os tipos de cultura e a área média cultivada, onde se percebem as semelhanças e diferenças entre o tamanho médio das explorações e o tipo de culturas praticadas nas primeira e segunda épocas, quer nas áreas que correspondem às associações, quer nas parcelas individuais ou familiares. As mulheres entrevistadas revelam possuir áreas agrícolas relativamente maiores fora das áreas das associações, onde podem produzir culturas de segunda época e decidir sobre as variedades de sementes a utilizar. Alguns produtores têm mais de uma machamba fora da área da associação, cuja área média é 0,5 ha a 3 ha. Isto pode não ser suficiente para que as pessoas possam sair da situação de pobreza, conforme se verificou num estudo realizado no sul de Moçambique (Júnior, Dadá, e Mosca (2014).



Tabela 2: Área explorada e tipos de culturas.

Parcela familiar			Área da associação		
Área média cultivada (ha)	Culturas de 1ª época	Culturas de 2ª época	Área média cultivada (ha)	Culturas de 1ª época	Culturas de 2ª época
0,5 – 3	- Arroz - Milho	- Milho  - Hortícolas (couve, alface, tomate)  - Tubérculos (batata-doce, batata-reno, mandioca)  - Leguminosas (feijão-nhemba)	¼ - 2	- Arroz	- Tomate  - Cebola  - Couve  - Batata-reno

Fonte: elaboração da autora, com base em entrevistas

Enquanto nas áreas das associações, o mau funcionamento dos sistemas de irrigação instalados permite apenas a produção de arroz numa única época agrícola, ao contrário da lógica de produção em duas épocas na origem dos investimentos nos sistemas de regadio (Dadá e Aiuba, 2018), nas áreas de sequeiro, as mulheres produzem arroz e milho na primeira época, e ainda aproveitam a humidade dos solos, após a época chuvas, para produzir culturas de segunda época, como o próprio milho, mas também hortícolas e leguminosas e outras culturas.

A produção nas áreas familiares destina-se, maioritariamente, ao sustento das famílias, enquanto nas áreas de rega visa-se mais a comercialização. É com base nos rendimentos obtidos que as mulheres adquirem outros bens de primeira necessidade, garantem a escolarização das suas crianças e reservam outra parte para pagar os custos de preparação dos campos e lavoura na campanha seguinte. Por outro lado, está o enfrentamento de outros problemas como o é a comercialização, em que os camponeses se têm que submeter aos preços determinados pelos compradores. Em muitos casos, a comercialização é feita nos mercados locais, devido aos custos associados ao transporte.

## NOTAS FINAIS

Búzi é um distrito multi-riscos climáticos. A ocorrência cíclica de desastres naturais nos últimos anos tem afectado negativamente a vida da população e impactado a economia daquele distrito. Entrevistas com produtoras (e produtores) locais revelam que o risco de desastre é mais bem aceite que o risco de deslocamento para uma nova área, onde faltaria terra arável para as pessoas cuja subsistência depende principalmente da agricultura, muitas vezes praticada nas zonas baixas rio. Por outro lado, as incertezas sobre o que acontecerá com as parcelas em Búzi, as contradições na propaganda do governo e suas ações concretas em relação à reconstrução de Guara-Guara, são outros factores que explicam a decisão da população em permanecer nas zonas de risco, adaptando-se às variabilidades climáticas.

No contexto actual, e olhando para as projecções (IPCC 2022), é mais do que certa a ocorrência de outros desastres, em mais ou menos tempo e com mais ou menos intensidade. No termo imediato, isto requer: aprofundamento das lições de eventos passados; uma abordagem participativa e consultiva da gestão de risco de desastres; fortalecimento das instituições comunitárias, tais como associações de produtores e comités locais de gestão de risco de desastres; e capacitação para melhorar a preparação, resposta e recuperação da comunidade.

A curto e médio prazos, os projectos de adaptação aos efeitos das mudanças climáticas devem considerar a consulta e auscultação dos grupos a quem se destinam as ditas intervenções. Sendo as mais se ocupam na produção agrícola, as mulheres têm um papel importante a desempenhar no combate aos efeitos das mudanças climáticas, através da adopção de práticas de cultivo que reduzam as perturbações ao meio ambiente (Tsing 2019). Para isto, o conhecimento ecológico tradicional e a inclusão e capacitação das mulheres produtoras deve ser potenciado e bem aproveitado pelos governos locais, em todas as fases, desde a preparação, mitigação, resposta e recuperação pós-desastre.

## BIBLIOGRAFIA

- BOISSIERE, Manuel, Bruno Locatelli, Douglas Sheil, Michael Padmanaba, et Ermayanti Sadjudin. 2013. « Local Perceptions of Climate Variability and Change in Tropical Forests of Papua, Indonesia ». *Ecology and Society* 18(4).
- FAYAMA, Tionyé, Der Dabiré, et Alassane Ba. 2020. « Perceptions du changement climatique et stratégies paysannes d'adaptation (zones soudaniennes du Burkina Faso et du Mali). » P. 289-96 in *Risques climatiques et agriculture en Afrique de l'Ouest, Synthèses*, édité par B. Sultan, A. Y. Bossa, S. Salack, et M. Sanon. Marseille.
- GIBSON-GRAHAM, J. K. 2008. « Diverse Economies: Performative Practices for 'other Worlds' ». *Progress in Human Geography* 32(5):613-32. doi: 10.1177/0309132508090821.
- GOVERNO DO DISTRITO DE BUZI. 2020. *Relatório referente ao mês de Janeiro*. Localidade de Guara-Guara: Governo do Distrito de Buzi.
- GRITZAS, Giorgos, et Karolos Iosif Kavoulakos. 2016. « Diverse Economies and Alternative Spaces: An Overview of Approaches and Practices ». *European Urban and Regional Studies* 23(4):917.
- IPCC. 2022. *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. Cambridge, UK and New York: IPCC.
- STENGER, Isabelle. 2015. *No Tempo das Catástrofes*. 1ª edição. Cosac & Naify.
- TSING, Anna Lowenhaupt. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. édité par T. M. Cardoso et R. V. Devos. Brasília: IEB Mil Folhas.

Os conteúdos são da exclusiva responsabilidade dos autores, não vinculando, para qualquer efeito, o Observatório do Meio Rural nem os seus parceiros ou patrocinadores

**E-mail:** [office@omrmz.org](mailto:office@omrmz.org)  
**Endereço:** Rua Faustino Vanombe, nº 81, 1º Andar.  
Maputo – Moçambique  
[www.omrmz.org](http://www.omrmz.org)